

A HUMANIZAÇÃO DO HERÓI EM OS LUSÍADAS, DE LUÍS DE CAMÕES, E EM A SOLIDÃO DO GOLEIRO, DE FLÁVIO MOREIRA DA COSTA

THE HUMANIZATION OF THE HERO IN “OS LUSÍADAS”, BY LUÍS DE CAMÕES, AND “A SOLIDÃO DO GOLEIRO”, BY FLÁVIO MOREIRA DA COSTA

Arthur Almeida Passos*

RESUMO: Este artigo visa estudar a epopeia *Os lusíadas*, de Luís de Camões, com foco no episódio do Velho do Restelo, e o conto *A solidão do goleiro*, de Flávio Moreira da Costa, para descobrir se e como seus protagonistas têm ressaltados seus aspectos humanos e diminuídos seus traços míticos. De um lado, a análise mostra que tais personagens são, de fato, humanizados, ou desmitificados, por meio de expedientes literários diversos que põem em xeque o heroísmo que eles procuram, e os aproximam, assim, do anti-herói. De outro, aponta que as referidas figuras, quando observadas na unidade de cada produção, tendo-se em conta outros elementos textuais relevantes, direta ou indiretamente ligados à sua específica caracterização, constituem tipos heroicos distintos – o épico, num caso, e o trágico, noutro –, o que relativiza ou enfatiza, segundo outras lógicas de construção, seu lugar entre os homens de todos os dias.

PALAVRAS-CHAVE: heroísmo; descobrimentos portugueses; futebol brasileiro.

ABSTRACT: This article aims to study the epic *Os lusíadas*, by Luís de Camões, focusing on the episode of “Velho do Restelo”, and the short story “A solidão do goleiro”, by Flávio Moreira da Costa, attempting to verify whether and how the protagonists of these works have their human aspects highlighted in comparison to their mythical traits. On the one hand, such characters are in fact humanized, or demythified, which is made through diverse literary strategies that call into question the heroic condition that they want to reach, thus linking them to antiheroes. On the other hand, when observed within the unity of each text as well as in relation to other meaningful elements identified in them, those characters actually constitute different types of heroes—the epic, in one case, and the tragic, in the other—, which either weakens or strengthens their closeness to the regular man.

KEYWORDS: heroism; Portuguese discoveries; Brazilian football.

* Doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2616-3161>. E-mail: arthur-passos@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analiso a epopeia *Os lusíadas*, do poeta português Luís de Camões, com foco no episódio do Velho do Restelo, e o conto *A solidão do goleiro*, do escritor brasileiro Flávio Moreira da Costa, partindo da hipótese de que seus protagonistas têm ressaltados seus aspectos humanos e diminuídos seus traços míticos. Para testar tal suposição interpretativa, realizo dois movimentos principais. No primeiro movimento, de ordem conceitual, apresento alguns tipos de herói, como o herói épico, o herói trágico e o anti-herói, que manifestam, cada um a seu modo, o conflito característico de tal personagem, situado entre o humano e o mítico, e cujas definições, por isso mesmo e por si mesmas, fazem ecoar a premissa de leitura que orienta este estudo, ao salientarem as relações particulares de cada espécie heroica com as noções de humanização e mitificação. No segundo movimento, de ordem analítica, lido com *Os lusíadas* e *A solidão do goleiro* em seus respectivos contextos de produção, articulando com as culturas portuguesa e brasileira elementos heroicos, de cunho coletivo e superior, identificados nas obras e ligados a seus protagonistas, e observo como se dá, conforme me parece, o esvaziamento de tais elementos, do qual resultariam personagens mais humanos, ou menos mitificados. Ao fim do trabalho, procuro responder à hipótese norteadora da pesquisa, com base nos recursos estéticos mobilizados pelo poeta e pelo contista na elaboração dos navegantes portugueses, num caso, e no goleiro da Seleção Brasileira, noutro, e tento classificar tais figuras segundo os tipos heroicos abordados no início da investigação, também tendo em vista as estratégias literárias utilizadas pelos autores na construção dos referidos sujeitos ficcionais, com o objetivo de realçar ou mesmo relativizar sua condição humana.

TIPOS HEROICOS

Segundo Ross Murfin e Supryia M. Ray, em *The Bedford Glossary of Critical and Literary Terms*, o termo “herói” confunde-se com “protagonista”, isto é, aquele que exerce o papel de maior destaque numa produção literária. Nas palavras dos pesquisadores, “muitas vezes tido como sinônimo de protagonista, o termo [‘herói’] se refere ao principal personagem de uma obra” (MURFIN; RAY, 2009, p. 223, tradução nossa)¹. Definição semelhante é oferecida por António Moniz (2009b) no *E-dicionário de termos literários*, coordenado por Carlos Ceia. Conforme o estudioso, “[...] o termo ‘herói’ designa o protagonista de uma obra narrativa ou dramática” (MONIZ, 2009b, n.p.). A diferença é que, ao especificar a palavra “obra”, ele restringe a presença do referido personagem a composições literárias de cunho narrativo ou dramático, como epopeias, romances, novelas, contos, tragédias e comédias. Em seu *Dicionário de termos literários*, Massaud Moisés traz opinião muito parecida, ao ponderar que o herói “designa, genericamente, o protagonista, ou personagem principal (masculina ou feminina) da epopeia,

¹ Often considered synonymous with protagonist, a term referring to the main character of a work.

prosa de ficção (conto, novela, romance) e teatro” (MOISÉS, 2013, p. 225). Ele, porém, como se percebe, dá mais detalhes sobre esse personagem, que pode também se configurar como uma heroína, e nomeia os gêneros literários específicos em que tal figura tende a se inserir.

Noutra perspectiva, existem também os heróis clássicos, encontrados na mitologia greco-romana, por exemplo. Lorna Sage, em *The Routledge Dictionary of Literary Terms*, assim os caracteriza: “no mito clássico, os heróis tinham poderes sobre-humanos, conversavam com os deuses (alguns, como Aquiles e Teseu, eram semideuses), e sua linhagem fazia-se acompanhar de profecias e portentos” (SAGE, 2006, p. 105-106, tradução nossa)². Apoiado nas reflexões de Charles Baudoin, em *Le triomphe du héros: étude psychanalytique sur le mythe du héros et les grandes épopées*, e no caso exemplar de Hércules, Moniz (2009b) endossa a ligação do herói clássico com o mito, também enfatizando sua ascendência privilegiada, entre humana e divina, e seus extraordinários atributos, superiores aos do ser humano médio, os quais são testados em situações extremas e, quando bem-sucedidos, conferem-lhe a condição de imortal. Segundo o estudioso:

Charles Baudoin, reconhecendo ao herói uma origem divina, caracteriza a sua existência a partir de uma infância misteriosa e oculta, em contraste com a sua vida adulta, constituída por provas libertadoras, como combates contra monstros, e com a obtenção da imortalidade. É toda uma projecção mítica e lendária que rodeia esta imagem solar e redentora. Hércules, filho de Zeus, pai dos deuses, e de Alcmena, simples mulher, protagoniza como nenhum outro este arquétipo do herói grego, o qual, após a vitória sobre os doze trabalhos, adquire a imortalidade olímpica (MONIZ, 2009b, n.p.).

Embora não cite expressamente o caráter mítico do herói clássico, Moisés (2013) reforça a perspectiva de Sage (2006) e de Moniz (2009b) ao sublinhar os mesmos aspectos relativos a tal herói: capacidade superior e proximidade com os numes. Conforme o acadêmico, “na Antiguidade clássica, o apelativo ‘herói’ era destinado a todo ser fora do comum, capaz de obrar façanhas sobre-humanas, que o aproximassem dos deuses. Equivalia aos semideuses, produto da aliança entre um deus e uma mortal” (MOISÉS, 2013, p. 225)³. Curiosamente, do ponto de vista etimológico, e conforme sugerido por Sage (2006) no parágrafo anterior, o herói corresponde mesmo a um semideus, isto é, um indivíduo que resulta, direta ou indiretamente, de relações entre um ser divino e um ser humano. Nos termos do próprio Moisés, na abertura do verbete relativo ao herói e à heroína, a palavra vem do “gr. *hêros*, semideus, filho ou descendente de deuses, pelo lat. *heros*” (MOISÉS, 2013, p. 225).

² *In classical myth heroes had superhuman powers; they conversed with gods (sometimes, like Achilles or Theseus, they were demigods) and their lines were accompanied by prophecies and portents.*

³ Como veremos mais adiante, há, também, heróis nascidos da união entre uma deusa e um homem, tais como Aquiles, filho de Tétis e Peleu, e Enéas, filho de Afrodite e Anquises.

Na literatura, os heróis clássicos constituem-se como personagens propriamente ditos, subordinados à unidade da obra que passam a integrar⁴, e dividem-se em duas espécies principais: a dos épicos e a dos trágicos. Em epopeias e tragédias da Antiguidade, tais figuras, recriadas com base em mitos que as referem, distinguem-se quanto a seus poderes de intervenção e destinos existenciais. Segundo Moisés, o herói épico, chamado por ele genericamente de “literário”, tem por características a “[...] valentia [...]”, “[...] a coragem física e moral [...]” e pode ser ilustrado com o Odisseu de Homero, que “[...] peregrina longo tempo em terras estranhas, à mercê de mil perigos, até regressar à Pátria e à esposa, vitorioso de todos os inimigos e perigos que enfrentou”, ao passo que o herói trágico, como o Édipo de Sófocles, estando “[...] sujeito ao império dos deuses, era constrangido pelas circunstâncias a cometer uma falha que o arrastava à desgraça [...]” (MOISÉS, 2013, p. 226)⁵. Flávio R. Kothe, em *O herói*, corrobora tal ponto de vista, uma vez que, para ele, “[...] o herói épico tem [...] um percurso fundamentalmente mais pelo elevado do que o herói trágico, cujo percurso é o da queda” (KOTHE, 1985, p. 12). O estudioso, porém, nota um paradoxo curioso, presente em ambos os tipos de personagem e capaz, inclusive, de lhes conferir qualidade literária, segundo o qual “[...] a queda do herói trágico é o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza, assim como as ‘baixezas’ do herói épico é que o ‘elevam’” (KOTHE, 1985, p. 12)⁶.

Uma vez que o herói épico terá destaque neste estudo, em função dos personagens focalizados, e dado que o termo latino *epicus* significa “heroico” (MOISÉS, 2013, p. 153), importa nos deter um pouco mais na constituição particular dessa figura, salientando outros aspectos que lhe dão forma. Em *A semiotização épica do discurso*, primeira parte da *História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso*, Anazildo Vasconcelos da Silva (2007) defende que o referido personagem, típico da epopeia, é definido por uma condição ontológica dupla, sem a qual não pode se constituir como tal: a humana, vinculada ao plano histórico, ainda que sem

⁴ Na *Poética*, Aristóteles já distingue entre a unidade do herói, a qual comporta situações subordinadas ao todo de sua existência mitológica, sem que elas se articulem necessariamente, e a unidade do enredo, a qual deve se compor de elementos que se inter-relacionem. Como sustenta o filósofo, “A unidade do enredo não se forma, como creem alguns, do fato de apresentar um único herói; pois há muitos e variados acontecimentos, reunidos em torno de um só herói, que não constituem qualquer unidade. Assim, um mesmo herói pode realizar muitas ações sem que se estabeleça uma ação única” (ARISTÓTELES, *Poética*, 1.451a, 15).

⁵ Vale dizer, porém, que mesmo o herói épico não se livra completamente do que lhe está supostamente designado. O próprio Odisseu só se restabelece como soberano de Ítaca após vinte anos de ausência porque este seria o seu destino, conhecido inclusive por ele mesmo. Isso pode ser notado, por exemplo, na despedida de Calipso, que dá a entender que o personagem, apesar dos reveses que sofrerá por conta de sua ousadia diante de Polifemo e da conseqüente fúria de Posido durante a viagem de volta, alcançará de novo o lar: “Filho de Laertes, de origem divina, Odisseu engenhoso, / é, então, verdade que queres voltar para a pátria querida, / sem mais delongas? Pois parte feliz, apesar do que sinto. / Mas se pudesses saber o que o Fado te tem reservado / de sofrimentos, primeiro que alcances a terra nativa, / escolherias comigo ficar e guardar esta casa, / como tornar-te imortal, apesar das saudades que sentes / longe da esposa, por causa de quem de contínuo suspiras [...]” (HOMERO, *Odisseia*, V, p. 203-210).

⁶ Segundo Moniz, esse paradoxo é constitutivo da interpretação e da própria existência humana. Como diz ele, “Uma vez que a avaliação do herói, feita pelo leitor/espectador, assume sempre aspectos subjetivos, uma vez que, no quadro da apreciação humana das situações de vida e dos acontecimentos, a ambigüidade dos pontos de vista é uma constante, que se inscreve no caráter dialético da condição humana, qualquer reação do protagonista é sempre susceptível de interpretações antagônicas” (MONIZ, 2009a, n.p.).

compromisso obrigatório com a realidade extraliterária verificável, e a mítica, respeitante à esfera do maravilhoso, a partir da qual o herói, ultrapassando a primeira condição, relaciona-se em alguma medida com os deuses, investe-se de atributos fora do comum e realiza proezas inauditas, por exemplo. Nos termos do estudioso:

o sujeito da ação épica, para ser herói, precisa agenciar as duas dimensões da matéria épica, o que exige dele uma dupla condição existencial; a histórica, necessária para a realização do feito histórico; e a mítica, necessária para a realização do feito maravilhoso. Sendo o sujeito épico, por suposto, um ser de existência histórica, carecendo ou não de comprovação documental, a condição humana lhe é um atributo natural. Mas ela só não basta para lhe conferir a condição de herói épico. Como homem, ele é apenas um ser histórico, isto é, um mero mortal sujeito à consumação do tempo. Para alcançar o estatuto épico do herói, precisa pisar o solo do maravilhoso, ou seja, passar do plano histórico para o maravilhoso, provando a transfiguração mítica que, resgatando-o da consumação do tempo histórico, confere-lhe a imortalidade épica.

A transfiguração do sujeito épico ocorre em toda e qualquer epopeia, mesmo quando se trata de um herói por natureza, isto é, se ele já tiver em si mesmo, por uma atribuição genealógica, as condições humana e mítica, como é o caso, entre outros, de Aquiles e Enéas que, filhos de humanos mortais com deusas imortais, têm em si mesmos, como atributo original, a dupla condição existencial que qualifica o herói épico (SILVA, 2007, p. 60).

Se é assim, o herói épico, apesar de constituir personagem literário, reverbera, em boa medida, sua raiz mitológica. Como diz a própria Sage, que distingue entre heróis míticos e literários, “[...] na épica e na tragédia, os heróis existem em função do todo literário, mas não perdem facilmente seu *status* mítico [...]” (SAGE, 2006, p. 106, tradução nossa)⁷. Além disso, cumpre destacar que a condição heroica, na epopeia, parece, de fato, ser alcançada com a demonstração de qualidades superiores, de ordem “[...] física e mental [...]”, em atos igualmente singulares, “[...] especialmente vinculado[s] a cometimentos bélicos [...]” (MOISÉS, 2013, p. 155) ou mesmo “[...] sempre associados a contendas, disputas, batalhas e guerras [...]” (VASSALLO, 1992, p. 83). Essa perspectiva, que destaca a supremacia do herói épico em matéria de violência, é endossada por Moniz em leitura de *Étude des thèmes ‘guerriers’ de la poésie épique gréco-romaine*, de Jean-Pierre Miniconi:

de resto, é esta faceta bélica que caracteriza sobremaneira o herói épico, como sublinha P. Miniconi, ao distinguir na epopeia: a preparação (apresentação do herói e descrição das armas); o combate (peripécias,

⁷[...] in epic or tragedy heroes exist for the sake of the literary whole. But the hero is not easily demoted from his mythic status [...].

espectadores, proezas); o desenlace vitorioso (despojos, injúria aos cadáveres inimigos, jogos fúnebres) (MONIZ, 2009b, n.p.).

Existem, por fim, personagens de obras narrativas ou dramáticas que recebem a alcunha de anti-heróis. Tais figuras podem ser vistas, por um lado, como antagonistas, não desempenhando, portanto, o papel mais importante em tais produções. Como explica Moniz (2009a, n.p.), “[...] anti-herói é sinónimo de antagonista, ou personagem que se opõe ao protagonista da história narrada ou encenada”. Por outro lado, elas são mais frequentemente tratadas como protagonistas, a despeito de seus atributos tidos por inferiores ou negativos. De acordo com o próprio Moniz, o anti-herói, enquanto personagem principal de determinada obra, “[...] reveste-se de qualidades opostas ao cânone axiológico positivo: a beleza, a força física e espiritual, a destreza, dinamismo e capacidade de intervenção, a liderança social, as virtudes morais” (MONIZ, 2009a, n.p.). Para Murfin e Ray, o anti-herói, “em vez de ser uma figura elevada e/ou admirável – corajosa, honesta e magnânima, por exemplo –, [...] é demasiadamente comum, podendo ser até insignificante ou criminoso” (MURFIN; RAY, 2009, p. 21-22, tradução nossa)⁸. Não obstante restrinja a presença do anti-herói ao romance, Moisés (2013) relaciona o surgimento desse personagem na literatura com a própria “desmitificação” ou “humanização” do herói clássico, ao qual é muitas vezes contraposto. Nessa perspectiva, o anti-herói assume uma constituição menor, ou mesmo inversa, em relação aos heróis míticos e literários da Antiguidade, uma vez que tem suas qualidades humanas ressaltadas. Nos termos do pesquisador, que dialoga com *Puissances du roman*, de Roger Caillois, o termo “anti-herói”:

designa o protagonista de romance que apresenta características opostas às do herói do teatro clássico ou da poesia épica. O seu aparecimento resultou da progressiva desmitificação do herói, ou seja, de sua crescente humanização: com o despontar do romance, no século XVIII, os representantes de todas as classes sociais entraram a substituir os seres de eleição, semidivinos, que antes povoavam as tragédias e as epopeias. Mais adiante, na medida em que constitui expressão burguesa de arte, ‘o romance veio a mergulhar ou a manter o homem em plena multidão, em plena existência coletiva’ (Caillois 1945: 32). Por fim, as pessoas in-características ou acionadas por forças contrárias às que moviam os heróis começaram a protagonizar as narrativas. Com elas, nasceu o anti-herói (MOISÉS, 2013, p. 28-29).

⁸ *Instead of being a grand and/or admirable figure – brave, honest, and magnanimous, for example – an antihero is all too ordinary and may even be petty or criminal.*

A DESMITIFICAÇÃO DO HERÓI NO EPISÓDIO DO VELHO DO RESTELO, EM OS LUSÍADAS, DE LUÍS DE CAMÕES

Publicada pela primeira vez em 1572, a epopeia do poeta português Luís de Camões, *Os lusíadas*, procura exaltar, principalmente, o valor do reino e dos homens ilustres de Portugal. Para fazê-lo, seu autor recorre tanto à mitologia greco-romana, pondo em cena, como seus pares da Antiguidade – Homero e Virgílio, por exemplo –, a participação dos deuses nos embates humanos, o que coloca homens e divindades em níveis parecidos, além de legitimar as conquistas alcançadas além-mar, como à própria história lusitana, contada em grande medida e com orgulho pelo navegante Vasco da Gama ao rei de Melinde, quando de sua chegada ao Quênia. As aventuras desse viajante português, acompanhado, em suas rotas marítimas, por auxiliares de todo tipo, tomam praticamente o poema inteiro e, em consonância com o caráter excepcional dessas mesmas aventuras, são narradas em estilo elevado, em oitavas compostas por versos decassílabos. A grandeza é, de fato, marca recorrente em *Os lusíadas*, podendo ser percebida, ainda, na ambição do antigo reino português em conquistar novos territórios, a fim de expandir ao máximo suas fronteiras, e na própria constituição do herói lusitano, que, para ser reconhecido como tal, deveria realizar feitos notáveis, ultrapassando sua condição humana e atingindo, assim, um *status* superior em relação à posição ocupada pelo homem comum.

Segundo Silva (2007), os caracteres nacional e heroico, preliminarmente identificados nessa paráfrase de *Os lusíadas*, são traços da própria epopeia, tendo sido destacados como tais por vários estudiosos ao longo da história da crítica e da teoria literárias. Esses aspectos estão presentes em diferentes concepções sobre o gênero, que pode ser entendido, nesse sentido, como aquele em que o poeta procura “[...] versar sobre temas narrativos, heroicos e nacionais, de cunho elevado e sublime, relacionados com feitos guerreiros [...]”, ou “[...] exhibir um herói de extraordinária compleição física e psicológica, capaz de realizar feitos memoráveis, inclusive sobre-humanos [...]” (SILVA, 2007, p. 57). Esteticamente reelaboradas na epopeia de Luís de Camões, as navegações portuguesas parecem realmente constituir signo das dimensões nacional e heroica típicas do gênero, na medida em que é por meio de tais viagens que se visa conhecer, explorar e anexar novos territórios ao reino lusitano e que se pode consagrar seus empreendedores como figuras grandiosas da história de Portugal. Aliás, o trânsito do herói, personagem que geralmente procura representar certo grupo reunido sob a égide de um império, país ou nação, costuma adquirir tamanha relevância no gênero que “a ação épica, representada iconicamente pela viagem, normalmente tem início com ela, desenvolve-se no seu curso e encerra-se com ela” (SILVA, 2007, p. 60).

Para mostrar a efetiva presença dos aspectos nacional e heroico em *Os lusíadas*, manifesta no tópico das navegações, basta retomar, no canto IV da epopeia, parte dos episódios que antecedem a fala do Velho do Restelo, trecho da obra a ser analisado com mais atenção em nosso trabalho. Tais episódios, embora se refiram menos aos viajantes portugueses do que

aos reis do antigo império, demonstram a necessidade de ações marítimas extraordinárias, capazes de imortalizá-los, para a contínua expansão do território lusitano. Nas estrofes 60 a 65 do mencionado canto, por exemplo, Luís de Camões destaca a ambição de D. João II em conquistar as terras do Oriente, e os obstáculos que seus encarregados achavam no trajeto. Segundo o Vasco da Gama construído pelo poeta, o rei buscava, com esse projeto, “fama sempiterna”, mas os navegantes que se dispunham a enfrentar os perigos no mar para conhecer o cobiçado território acabavam morrendo na viagem de volta, sem completar a missão: “Mas de vias tão ásperas, tamanhas, / Tornar-se facilmente não podia. / Lá morreram, enfim, e lá ficaram, / Que à desejada pátria não tornaram” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 65). Já nas estrofes seguintes, da 66 à 75, o capitão da esquadra informa a predestinação de D. Manuel I, dono dos mesmos intentos heroicos, em alcançar o que seu antecessor não pudera: “Parece que guardava o claro Céu / A Manuel e seus merecimentos / Esta empresa tão árdua, que o moveu / A subidos e ilustres movimentos [...]” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 66).

Com efeito, a dificuldade da empresa marítima é um tema justamente reiterado em *Os lusíadas*, pois, sem ela, não haveria verdadeiras proezas, mas feitos comuns, incapazes, em tese, de propiciar a criação de um reino vasto e poderoso e de heróis dignos e memoráveis. O próprio D. Manuel I elaborado por Luís de Camões reconhece que, para realizar ações sublimes e perenes, é preciso submeter-se a duras provas, que podem mesmo colocar em risco a vida de quem ousa enfrentá-las: “[...] ‘As cousas árduas e lustrosas / Se alcançam com trabalho e com fadiga; / Faz as pessoas altas e famosas / A vida que se perde e que periga, / Que, quando ao medo infame não se rende, / Então, se menos dura, mais se estende [...]’” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 78). Nessa significativa passagem, evidenciam-se os argumentos do monarca para convencer e animar os navegantes portugueses a embarcarem na missão de conquistar terras no Oriente, com o propósito de expandir o império lusitano, e delineiam-se algumas das características necessárias para a formação de um herói e seus efeitos: de um lado, disposição, diligência e coragem; de outro, honra, fama e imortalidade.

Mais à frente, porém, nas estrofes 95 a 104 do mesmo canto IV, pouco antes de os candidatos a heróis comandados por Vasco da Gama tomarem o rumo das águas, eleva-se uma voz distinta, e num duplo sentido: é articulada por um velho que inspira reverência e é contrária aos empreendimentos marítimos de Portugal. Trata-se do Velho do Restelo, figura muito conhecida dos leitores de poesia portuguesa, conforme comenta Maria Helena Nery Garcez (1992, p. 5) em *Motivos das navegações na poesia portuguesa do século XX: o Velho do Restelo*, e protagonista de episódio que Salvatore d’Onofrio, em *O Velho do Restelo e a consciência crítica de Camões*, considera de “[...] importância extraordinária para um estudo interpretativo d’*Os Lusíadas*, pois põe em dúvida a conveniência e a utilidade da expedição portuguesa em busca do caminho marítimo para a Índia [...]” (D’ONOFRIO, 1970, p. 75). O caráter duplamente distinto desse personagem é projetado logo na apresentação que Vasco da Gama, na estrofe 94, faz dele: de um lado, tem “[...] aspeito venerando [...]”, “[...] saber só de experiências feito

[...]” e “[...] experto peito” e, de outro, meneia “Três vezes a cabeça, descontente”, possui “A voz pesada [...]” e se faz ouvir aos navegantes “[...] claramente”, como quem os adverte (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 94). Na perspectiva do viajante, portanto, o Velho do Restelo é um sujeito de idade, sábio, vivido, que impõe autoridade e respeito aos demais e já indicia reprovação ao que seus olhos testemunham, isto é, a partida do capitão da esquadra e seus tripulantes em direção à Índia, sonhada por D. Manuel I e prometida ao reino português pelos rios Indo e Ganges, em estrofes anteriores (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 68-74). Vale dizer ainda que esse senhor não se encontra entre os navegantes nem mesmo próximo a eles, mas “[...] ficava nas praias, entre a gente” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 94), isto é, situado à terra, e não ao mar, e em meio à população que, por laços de amizade ou de família, não queria que a viagem marítima se realizasse (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 88-93).

O caráter duplamente distinto do Velho do Restelo não passa despercebido pelos estudiosos de *Os lusíadas*, principalmente no que diz respeito ao elemento de contraposição às viagens e conquistas portuguesas além-mar. Esse elemento é entendido por Garcez (1992, p. 5) como objeto de constantes discussões, pois o louvor a feitos nacionais e heroicos, típico da epopeia, divide lugar, paradoxalmente, na narrativa de Luís de Camões, com uma crítica à ambição humana, que motiva esses feitos. No mesmo sentido, d’Onofrio pergunta:

como explicar esta condenação da ambição humana – ambição que para os portugueses se concretiza nas viagens marítimas –, se todo o valor da epopeia lusitana, cantada tão brilhantemente por Camões, repousa na exaltação da expedição do Gama em busca do caminho marítimo para a Índia? Como entender esta contradição que poderia invalidar todo o valor épico d’*Os Lusíadas*? (D’ONOFRIO, 1970, p. 77).

Segundo Garcez, há estudos que tentam provar que a fala do Velho do Restelo constitui “[...] uma crítica indireta de Luís de Camões à empresa dos Descobrimentos [...]”, situando o poeta historicamente entre aqueles que temiam os riscos que as viagens marítimas poderiam causar a Portugal, e outros que buscam mostrar que se trata de um recurso poético, vinculado à “[...] polifonia narrativa que percorre o poema” (GARCEZ, 1992, p. 5). D’Onofrio, por exemplo, argumenta que o Velho do Restelo, mais do que um artifício literário, representa o “espírito crítico” de Luís de Camões, vendo nisso a posição contrária do poeta no que se refere à política expansionista portuguesa e um sinal de originalidade e distinção em relação à *Ilíada*, à *Odisseia* e à *Eneida* (D’ONOFRIO, 1970, p. 78-79).

Não pretendo, aqui, agora e diretamente, participar do referido debate, integrando-me a um ou outro dos grupos mencionados por Garcez (1992) e D’Onofrio (1970). O que mais me interessa neste trabalho, como já foi dito, é verificar se e como se processa, nas palavras do Velho do Restelo, a desmitificação dos navegantes lusitanos, representados por Vasco da Gama e seus companheiros e submetidos ao serviço da coroa portuguesa. Desconfio que esses

viajantes, prestes a se fazerem ao mar em direção ao Oriente, não são vistos como heróis pelo “velho de aspeito venerando”, mas se situam, na perspectiva do personagem, muito mais no plano humano do que no mítico. Em outros termos, sentimentos a eles atribuídos e tidos por positivos, como amor, amizade e cuidado para com o império, e abstrações antes apresentadas como elevadas e as quais eles almejam alcançar, como honra e fama, são postos em questão pelo Velho do Restelo. Como consequência, em vez de legitimar a busca dos conquistadores portugueses pela condição heroica, a distinta figura a desconstrói, ao notar tais postulantes como seres humanos comuns, ou mesmo inferiores, por sua ganância e imprudência, compreendidas em sentido francamente negativo.

Nas estrofes 95 a 97, o Velho do Restelo dirige-se à fama, à honra e à glória, termos aparentemente sinônimos em sua perspectiva, e as observa de um ponto de vista diferente dos de Vasco da Gama e D. Manuel I. De fato, o chefe da esquadra portuguesa não desqualifica aqueles que se dispõem a empreender consigo a difícil viagem, mas, pelo contrário, exalta a ousadia, a disposição e a ambição dos jovens que nela o acompanham em busca de distinção: “Já de manceba gente me aparelho, / Em que crece o desejo do valor; / Todos de grande esforço; e assi parece / Quem a tamanhas cousas se oferece” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 82). O mesmo se dá com o então rei de Portugal, que, como já vimos, trata com apreço a bravura dos navegantes e concebe a distinção como desdobrimento merecido do destemor: “[...] Faz as pessoas altas e famosas / A vida que se perde e que periga, / Que, quando ao medo infame não se rende, / Então, se menos dura, mais se estende [...]” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 78). O Velho do Restelo, por sua vez, não divide com o líder da navegação e o monarca lusitano o discurso laudatório acerca da honra, da fama e da glória, mas, diferentemente, associa-as a palavras e expressões menos elevadas, como “[...] vaidade [...]” e “[...] fraudulento gosto [...]”, e, em vez de exaltar os aventureiros que as buscam, chama-os de “[...] peito vão [...]” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 95), expressão cujo segundo termo aponta, segundo Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, no *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, para adjetivos menos elogiosos, como “[...] fútil [...]”, “[...] jactancioso [...]” e “[...] falso [...]” (FERREIRA, 1999, p. 2.046).

Na estrofe 96, o Velho do Restelo rebaixa a fama, a honra e a glória por meio da explícita recusa, em movimentos de contraposição, dos elevados adjetivos que geralmente lhes são atribuídos: “Chamam-te ilustre, chamam-te subida, / Sendo dina de infames vitupérios; / Chamam-te Fama e Glória soberana, / Nomes com quem se o povo néscio engana” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 96). Para o personagem, o brilho e a superioridade conferidos a esses substantivos servem para ludibriar a parte da população que, ignorante, neles acredita. Esse logro, no entanto, estende-se, na estrofe 97, aos próprios aventureiros, enganados, como o povo, pelo que prometiam honra, fama e glória: “Que promessas de reinos e de minas / De ouro, que lhe farás tão facilmente? / Que famas lhe prometerás? Que histórias? / Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 97). A leitura negativa e inferior que o Velho do Restelo faz da fama, da honra e da glória reforça-se com a referência do personagem às

possíveis consequências nefastas do empreendimento português, que procura se justificar a partir de tais marcas heroicas. Nas estrofes 95 a 97, proliferam e, às vezes, repetem-se palavras que designam desdobramentos desse tipo: “[...] castigo [...]”, “[...] mortes [...]”, “[...] perigos [...]”, “[...] tormentas”, “[...] crueldades [...]”, “[...] desastres [...]” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 95-97). No mesmo sentido, os primeiros versos da estrofe 96 são especialmente relevantes, sobretudo por indiciar a possibilidade de o próprio Portugal, enquanto reino e império, vir a se sujeitar a tais efeitos: “Dura inquietação da alma e da vida, / Fonte de desemparos e adultérios, / Sagaz consumidora conhecida / De fazendas, de reinos e de impérios!” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 96).

Nas estrofes 98 a 101, o Velho do Restelo insiste em críticas já pronunciadas nas três estâncias imediatamente precedentes. Ele se refere, mais uma vez, à vaidade, à ilusão e à imprudência relacionadas à busca da fama e denuncia contradições envolvidas nessa procura. Essas contradições são trabalhadas formal e conceitualmente pelo poeta, como ocorre, na estrofe 99, com os pares “[...] enlevas [...]” e “[...] leve fantasia”, e “[...] prezas [...]” e “[...] desprezo [...]” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 99), e parecem mesmo ser a tônica de tais passagens. Elas se repetem, por exemplo, nas estrofes 100 e 101, nas quais o experiente personagem delinea o código heroico português ao mesmo tempo em que reitera efeitos negativos do apreço pela fama para o reino. Em termos mais específicos, o Velho do Restelo argumenta que os exploradores são tão ambiciosos que acabam por não prestar atenção aos arredores do próprio reino. De um lado, os aventureiros lusos querem provar seu valor bélico, defender a fé cristã, expandir o território ou obter riquezas, a fim de serem reconhecidos como heróis, conforme lemos na estrofe 100:

Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a Lei maldita,
Se tu pola de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado? (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 100).

De outro, eles arriscam o reino já constituído, ao partirem para lugares distantes e abandonarem-no à mercê de inimigos próximos, pondo em dúvida, na perspectiva do Velho do Restelo, seu restabelecimento em Portugal quando do retorno e a própria legitimidade de seu heroísmo, de acordo com o que lemos na estrofe 101:

Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,

Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
 Buscas o incerto e incógnito perigo
 Por que a fama te exalte e te lisonje
 Chamando-te senhor, com larga cópia,
 Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia! (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 101).

Cumprе salientar, ainda relativamente às estrofes 98 a 101, que os objetos de desejo do navegante português postulante a herói, isto é, fama, honra e glória, já não constituem o enunciário do Velho do Restelo. Esse lugar é ocupado pelo próprio aventureiro lusitano, que continua sendo duramente criticado. Interpelado pelo enunciador como “[...] geração [...]” de Adão, o navegante luso é associado pelo distinto personagem, em sentido negativo, ao pai “[...] insano”, pecador e desobediente, que provocou a queda humana do Paraíso, com a perda “Da quieta e da simples inocência”, e a condenação a uma vida de conflitos (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 98)⁹. O Velho do Restelo entende ainda que esse mesmo viajante, contrariando o sentimento do próprio Cristo quando posto diante da iminência da morte, não tem amor à vida, o que implica numa clara dissonância entre Jesus e seu fiel: “Já que prezas em tanta quantidade / O desprezo da vida, que devia / De ser sempre estimada, pois que já / Temeu tanto perdê-la Quem a dá” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 99). Não por acaso, como vimos no parágrafo anterior, o Velho do Restelo também parece questionar as motivações religiosas, ligadas às heroicas, as quais inspirariam as viagens em alto-mar, perguntando-se por que os navegantes, em vez de lutar contra os ismaelitas que se encontram em territórios vizinhos, têm de ir para longe, arriscando, assim, o próprio reino: “Não tens junto contigo o Ismaelita, / Com quem sempre terás guerras sobejas? / Não segue ele do Arábio a Lei maldita, / Se tu pola de Cristo só pelejas? [...] // Deixas criar às portas o inimigo, / Por ires buscar outro de tão longe” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 100-101).

Na estrofe 102, o Velho do Restelo estende sua admoestação ao criador da primeira embarcação. O enunciador o compreende como alguém que merece passar a eternidade no Inferno por ter estabelecido as condições preliminares, ora úteis aos viajantes portugueses, para o trajeto em alto-mar: “Oh! Maldito o primeiro que, no mundo, / Nas ondas vela pôs em seco lenho! / Dino da eterna pena do Profundo, / Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 102). Ainda mais interessantes a se notar, porém, são os versos imediatamente posteriores, também em referência ao mesmo indivíduo: “Nunca juízo algum,

⁹ Nesta estrofe, Luís de Camões, parecendo embaralhar as fronteiras entre o sagrado e o profano, nas respectivas formas do cristianismo e do politeísmo grego, considera a vida no Paraíso uma espécie de “Idade de ouro”, suprassumo da existência, em contraposição à era “de ferro e de armas”, ponto em que se encontra o próprio ser humano, com o objetivo de ressaltar a condição desmitificada do herói português na perspectiva do Velho do Restelo. Essa leitura encontra respaldo na paráfrase que Moniz faz de *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, com vistas a delimitar o significado do herói para os helenos: “Para os Gregos, o herói situa-se na posição intermédia entre os deuses e os homens. Por isso, Hesíodo, distinguindo (*Os Trabalhos e os Dias*, 156-173) cinco idades da vida humana, numa perspectiva decadentista, intitula a quarta, a seguir à do ouro, da prata e do bronze, como a dos heróis, antes da de ferro, ou da suprema degradação. Por um lado, representam a degradação dos deuses; por outro, constituem uma promoção dos homens” (MONIZ, 2009b, n.p.).

alto e profundo, / Nem cítara sonora ou vivo engenho, / Te dê por isso fama nem memória, / Mas contigo se acabe o nome e glória!” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 102). Nesses versos, o Velho do Restelo critica, indiretamente, os navegantes portugueses, ao defender, em suma, que ao criador da primeira embarcação seja negado o direito de ser lembrado por seu feito, que, para ele, nada tem de positivo ou grandioso. Importa destacar, mais especificamente, que essa negação parece incluir, indiretamente, epopeias, conforme se depreende da menção ao uso de instrumento musical, ao talento e à pretensão, por parte do poeta, de glorificar e immortalizar ações heroicas. Trata-se de elementos que estão contidos, paradoxal e significativamente, em chave positiva, nas primeiras dezoito estrofes do próprio épico de Luís de Camões, nas quais o autor propõe exaltar, com as capacidades e recursos de que dispõe, os homens ilustres, reis e heróis, da história de Portugal (CAMÕES, *Os lusíadas*, I, 1-18).

As estrofes 103 e 104 encerram o canto IV e a fala do Velho do Restelo. Nelas, em vez de se dirigir à fama e às suas correspondentes, como nas estrofes 95 a 97, ou aos navegantes portugueses prestes a zarpar em direção à Índia, como nas estrofes 98 a 101, o enunciador recorre a referências mitológicas para repreender, de novo, a ambição dos que buscam alçar a condição heroica. Na estrofe 103, o personagem afirma que teria sido melhor se Prometeu não tivesse roubado o fogo aos deuses e o concedido aos homens, pois sua ousadia resulta em “[...] mortes [...]”, “[...] desonras [...]” e “[...] dano”, protagonizados pelos navegantes portugueses em específico e pela própria humanidade em geral (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 103). Na estrofe 104, o Velho do Restelo exemplifica o efeito catastrófico da audácia de Prometeu para Ícaro, que morre após as asas criadas por seu pai, Dédalo, derreterem-se à medida que se aproximava do sol: “Não cometera o moço miserando / O carro alto do pai, nem o ar vazio / O grande arquitector co filho, dando, / Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 104). Curiosamente, nos quatro últimos versos do canto IV, o Velho do Restelo admite, em tom resignado, que a inclinação para tentar realizar feitos grandiosos, identificável já em tempos remotos, é constitutiva do ser humano, sem deixar de classificá-la, no entanto, como reprovável, com ambas as qualidades colaborando para reforçar, indireta e mais especificamente, o caráter pouco divino dos navegantes portugueses em sua perspectiva: “Nenhum cometimento alto e nefando / Por fogo, ferro, água, calma e frio, / Deixa intentado a humana geração. / Mísera sorte! Estranha condição!” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 104).

A HUMANIZAÇÃO DO HERÓI EM A SOLIDÃO DO GOLEIRO, DE FLÁVIO MOREIRA DA COSTA

O conto *A solidão do goleiro*, do escritor brasileiro Flávio Moreira da Costa, o qual se inclui na antologia de narrativas curtas de futebol intitulada *22 contistas em campo* e organizada pelo próprio autor, chama a atenção, desde logo, por ser narrado por duas vezes claramente delimitadas. A primeira a entrar em cena, a do locutor esportivo, apresenta ao espectador/ouvinte um jogo decisivo da Copa do Mundo de futebol, disputado, no Maracanã, entre as

Seleções do Brasil e da Espanha, e focaliza o momento em que o time visitante tem a chance de passar de novo à frente no placar, então em 1x1, numa cobrança de pênalti, aos 35 minutos do segundo tempo. A segunda voz, que chamarei, simplesmente, a do narrador, traz ao leitor o drama pessoal vivido pelo goleiro do escrete canarinho, o qual descobrira, no dia anterior, que sua mulher o traía, e a dúvida do treinador, que testemunhara o fato, em escalá-lo ou não na partida, já que temia que as condições psicológicas de seu atleta, possivelmente afetadas com a descoberta, viessem a interferir negativamente em seu rendimento dentro de campo. Apesar de se tratar de duas vozes marcadamente distintas, ambas se complementam na estrutura do conto, na medida em que, de um lado, dimensionam a tensão experimentada pelo time, pelo técnico e pelo público brasileiros no curso do jogo, sobretudo no momento do pênalti, ressaltando a relevância da partida para o país e o apelo heroico que nela se manifesta, e, de outro, colaboram, de modos específicos, para a humanização, ou desmitificação, do protagonista da narrativa, o Goleiro, que, não obstante suas reconhecidas capacidades como jogador, parece constituir-se, ao fim da trama, mais como um homem comum do que como o herói que dele se espera.

Lido em relação com a História, o conto poderia ser visto como uma reelaboração literária do fracasso da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 1950, também disputada no Brasil, considerando-se, principalmente, a (re)encenação da derrota da equipe canarinho na mesma competição, em torno da qual pairava, a princípio, um clima de extremo entusiasmo por parte dos brasileiros, ainda que, na narrativa, tal derrota fique em suspenso, e da atribuição de culpa ao goleiro por conta do desastre verificado no último ato do torneio. Vale lembrar que, naquela ocasião, a Seleção Brasileira, dirigida por outro Flavio Costa, então treinador do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, fazia campanha praticamente irretocável, com quatro vitórias (três delas por goleada, sendo uma sobre a própria Espanha) e um empate, até perder a última partida da Copa do Mundo para o Uruguai, de virada, por 2x1, sofrendo o derradeiro gol a cerca de dez minutos do fim do jogo, e a culpa pela derrota foi muitas vezes atribuída ao goleiro da equipe, Barbosa, que se tornou, então, o bode expiatório do fracasso. O acontecimento fatídico contrasta com as altas expectativas de vitória do país anfitrião, que parecia buscar, desde há muito tempo, grandeza enquanto nação por meio da supremacia no futebol. Como diz José Miguel Wisnik, em *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, no subtítulo “A catástrofe”, o Maracanã, erguido por ocasião do evento como o maior estádio do mundo e palco da futura final, seria:

[...] a arena ideal para o balanceio fragoroso entre a ambição de grandeza e a impotência infantilizada de um povo periférico e anarcoide, posto entre as primícias da realização original sugerida pela Copa de 1938 e o temor inconfessável de que essas promessas regridam eternamente a um ponto inultrapassável (WISNIK, 2008, p. 246).

O estudioso observa, ainda, que as tentativas de superação da derrota naquele torneio, a qual acabou assumindo a forma de um trauma, no sentido freudiano do termo, são múltiplas e persistentes, entre as quais podemos, muito provavelmente, incluir *A solidão do goleiro*:

[...] o trauma brasileiro, na Copa de 1950, foi e é continuamente lembrado e repetido em prosa, em verso, em ensaio, em foto, em filme: essa recorrência insistente cumpre aí a função freudiana de rasurar o trauma através da sua infinita repetição fantasmática, diante de um conteúdo insuportável *que se deu a ver* (WISNIK, 2008, p. 246, grifo do autor).

A identificação de um trauma nacional, nascido de uma derrota no futebol sofrida pela Seleção do país, poderia se provar o bastante para evidenciar a importância desse esporte para o Brasil enquanto nação e povo. Existem, contudo, outros fatores nesse sentido que merecem ser destacados, ainda que sinteticamente, uma vez que os aspectos nacional, na já comentada perspectiva de Silva (2007), e a própria prática esportiva, no entendimento de Hans Ulrich Gumbrecht (2007) em *Elogio da beleza atlética*¹⁰, podem se relacionar com o heroísmo, um dos focos de atenção de nosso trabalho. Conversando com *Anatomia de uma derrota*, de Paulo Perdigão, Wisnik endossa a ideia de que a arquibancada do Maracanã, no dia da grande final, constituía metonímia do povo brasileiro, o *homo brasiliensis*, que percebia na partida a “[...] encarnação do futebol no destino do país [...]” (WISNIK, 2008, p. 248). O próprio modo de jogar da equipe brasileira parecia corresponder a um produto verdadeiramente nacional, nunca visto antes em nenhum outro lugar: a presença de jogadores negros, a “[...] fusão entre eficácia e beleza, entre competição e espetáculo [...]”, o estatuto de “[...] ‘monumento’ [...]” (WISNIK, 2008, p. 250-252) e a proximidade com manifestações artísticas próprias do país davam origem a um futebol diferente, que encantava a todos. A já citada magnitude extravagante do Maracanã, embora tenha servido, no fim das contas, de lugar de frustração para todo o país, pois foi “[...] ‘onde brotou a provação de heróis esquecidos e o infortúnio e a desesperança de um país inteiro’ [...]”, fora concebido “[...] ‘como panteão para a glória nacional’ [...]” a ser conquistada dentro de campo (PERDIGÃO apud WISNIK, 2008, p. 248).

As dimensões nacional e heroica do futebol, fundamentos da glória de um povo, de uma nação e de um indivíduo que se destacam por meio dessa prática esportiva, são esteticamente trabalhadas em *A solidão do goleiro*, e a palavra do locutor esportivo as exhibe de modo bastante claro. Nesse sentido, vale citar, por exemplo, que, ao tentar empolgar os torcedores brasileiros logo depois da marcação do pênalti a favor da Espanha, ele considera a iminente virada do

¹⁰ Ao tratar da experiência estética propiciada aos espectadores dos antigos jogos olímpicos, Gumbrecht (2007) liga o atleta, especialmente o vencedor, ao herói, em sua condição semidivina. Nas palavras do estudioso, “Como os limites que separavam os humanos dos deuses gregos eram permeáveis, buscar o nível mais alto de perfeição física e vencer uma competição olímpica realmente elevava o vitorioso ao *status* de semideus (o significado antigo de ‘herói’ é ‘semideus’)” (GUMBRECHT, 2007, p. 75). Tal associação parece subsistir, em significativo grau, apesar dos séculos, no esporte contemporâneo, como nos tem sugerido a própria construção do conto de Flávio Moreira da Costa, ora estudado, em torno do futebol.

time visitante e, nesse caso, a provável derrota da equipe anfitriã como decepções certas para toda a nação: “[...] não será por isso que o valoroso escrete verde-amarelo irá desanimar, irá decepcionar 120 milhões de brasileiros” (COSTA, 2006, p. 92). Em outro momento, a mesma voz pede “ânimo” aos brasileiros, torcedores e jogadores, apontando para traço necessário para a vitória e legível como heroico¹¹, bem como se inclui entre os mesmos fãs e atletas, com o uso do vocativo “minha gente” e do verbo conjugado na primeira pessoa do plural “temos”, e se diferencia dos espanhóis, com o uso do pronome “eles”, reforçando o caráter nacional da partida: “[...] ânimo, minha gente, pois mesmo que eles marquem gol, ainda temos dez minutos pela frente e em futebol muita coisa pode acontecer em dez minutos” (COSTA, 2006, p. 92). Também significativo é o trecho seguinte, em que o locutor esportivo concebe Deus como figura que intervirá a favor do Brasil na partida, a exemplo do que costuma acontecer com heróis épicos¹², e combina outras exortações de cunho nacional e heroico: “Alô, alô, hoje foi um dia que começou com um clima de festa, e se Deus nos ajudar – e Ele vai ajudar porque Ele também é brasileiro –, este dia vai ficar na História, vai terminar em clima de glória, glória para vocês, brasileiros, glória para nós todos...” (COSTA, 2006, p. 92).

Como vemos, aspectos nacionais e heroicos são clara e fortemente vinculados pelo locutor esportivo de *A solidão do goleiro* ao futebol, tendo como referência a partida entre Brasil e Espanha pela Copa do Mundo. O narrador, quando entra em cena pela primeira vez, prossegue com a narração do mesmo jogo, mas, para tanto, vale-se de dicção menos inflamada e posiciona-se mais à parte daquilo que conta, pondo de lado as dimensões salientadas na voz do locutor esportivo:

Tensão total.

O Maracanã inteiro, lotado praticamente, parecia suspender a respiração ao mesmo tempo.

¹¹ O abatimento, que prejudica a vontade do sujeito e, por consequência, dificulta sua ação mais imediata, não parece combinar com o heroísmo. Segundo Victor Brombert, na introdução a *Em louvor de anti-heróis: figuras e temas da moderna literatura europeia, 1830-1980*, parafraseando a opinião de Maurice Blanchot sobre o herói, este é marcado sobretudo, quando não inteiramente, pelo “ímpeto” de agir, que pressupõe a dispensa de qualquer ponderação prévia ao ato: “Como disse Maurice Blanchot num ensaio sobre a natureza do herói, o heroísmo é uma revelação da ‘luminosa soberania do ato’; acrescenta que o ato por si só é heroico. Essa glorificação epifânica da ação leva Blanchot a concluir que a autenticidade ou substância heroica (ele duvida que esta última exista) precisa determinar-se mais por meio do verbo do que por meio do substantivo. Nesta perspectiva a natureza ‘moral’ do ímpeto do herói é questionável, e a relação entre bravura e conceitos éticos não é completamente óbvia” (BROMBERT, 2001, p. 16). Modificando tal parecer, poderíamos dizer que o locutor esportivo, com suas preocupações de cunho heroico e patriótico, quer antecipar-se a que o medo da derrota, mais próxima com a penalidade a favor dos espanhóis, tome conta dos brasileiros e, assim, obste uma reação rápida em direção a um novo empate e, no melhor dos casos, à própria vitória.

¹² Cumpre lembrar que o caráter divino do herói não se limita às suas capacidades superiores ou, quando é o caso, à sua híbrida ascendência, mas também se manifesta na tutela que os deuses podem lhe oferecer. É o que acontece, por exemplo, com o Odisseu homérico, protegido de Atena (HOMERO, *Odisseia*, I, 44-62), e com os próprios navegantes portugueses camonianos, apoiados por Vênus e Marte (CAMÕES, *Os Lusíadas*, I, 33-40).

Na marca do pênalti, os jogadores se ajeitavam. O Artilheiro Espanhol aguardava o apito do Juiz. O Juiz apita, o Artilheiro Espanhol olhou o gol e partiu, com vontade, em direção à bola... (COSTA, 2006, p. 92).

A objetividade e neutralidade adotadas pelo narrador nesse excerto indiciam sua intenção de visualizar a partida de uma perspectiva mais ampla, para além do calor do jogo. Ele quer levar em consideração não apenas o duelo esportivo em si, mas seus bastidores, que compreendem, sobretudo, o dia anterior ao confronto decisivo entre as Seleções Brasileira e Espanhola: “(Mas, não, esta história começava antes, um pouco antes. Não muito, apenas um dia, quando os jogadores do Brasil ainda se encontravam na CONCENTRAÇÃO.)” (COSTA, 2006, p. 93). A partir dessa visada de caráter totalizante, o narrador é capaz de ressaltar, antes do locutor esportivo, outras duas dimensões presentes no conto, que se relacionam diretamente com o protagonista, o Goleiro, e que considero relevantes para mostrar o processo de desmitificação do personagem, supostamente levado a termo na construção da narrativa: a individual, que contrasta com a nacional, e a humana, que se afasta da heroica.

O exemplo mais evidente nesse sentido é o adultério da esposa do Goleiro. Trata-se de algo que inicialmente se limita à vida privada do atleta, não se constituindo como questão de interesse público, e aparentemente põe em relevo sua condição humana, uma vez que o jogador parece não corresponder, suficientemente, a desejos ou expectativas da mulher. Mas, antes de desenvolver esses dois argumentos, vale chamar a atenção para a desconfiança do protagonista quanto à então suposta traição de sua companheira. Essa desconfiança, que perpassa boa parte da narrativa, materializa-se, de modo mais marcado, na dificuldade que o personagem tem em dormir, justo na véspera da importante partida contra a Espanha: “Duas e meia: lá estava o Goleiro, em pé, perto da janela. Fumava” (COSTA, 2006, p. 93). Na medida em que o incomoda, a ponto de tirar seu sono, tal desconfiança pode ser lida, numa perspectiva heroica, em sentido negativo, como ausência de força mental¹³, necessária para se desvencilhar da suspeita, pelo menos momentaneamente, e se preparar da melhor forma para o jogo decisivo do dia seguinte. Aliás, a ausência de força mental, manifesta na já mencionada dificuldade de dormir exibida pelo Goleiro, causa apreensão em Negão e no próprio Técnico da Seleção Brasileira, que, avisado pelo segurança de que seu atleta, às duas e meia da manhã, continuava, depois de duas advertências, acordado, vê-se no dever de saber o que há de errado com o jogador:

Negão desta vez não se deixou ver; foi correndo até o quarto do Técnico, acordá-lo.

– O senhor me desculpe, mas o Goleiro não pregou olho até agora.

– Só me faltava mais essa. – O Técnico se levantou, vestiu as calças.

¹³ Recordemos Moisés, para quem o herói épico caracteriza-se por, entre outras coisas, “[...] superior força física e mental [...]” (MOISÉS, 2013, p. 155).

Caminhou no escuro. Entrou no dormitório. Em silêncio, aproximou-se, pôs a mão no ombro do Goleiro, que se assustou.

– O que é que está havendo?

– Nada, não. Perdi o sono.

– Mas não pode; o jogo de amanhã é decisivo, você sabe disso. Se não dormir, já viu em que condição você vai jogar, não é? (COSTA, 2006, p. 93).

Se a incômoda desconfiança do Goleiro, relativa a um problema estritamente pessoal, preocupa Negão e o Técnico¹⁴, que identificam, em menor ou maior grau, o perigo de tal problema interferir negativamente na partida entre Brasil e Espanha, é possível entrever o mesmo problema, agora, numa dimensão coletiva, que diz respeito à própria nação brasileira, a ser representada, em campo, no referido jogo de futebol, tendo, talvez, de depender de um atleta emocionalmente abalado no gol e ficando, assim, pelo menos em tese, mais exposta à derrota. Uma vez, porém, que os efeitos negativos da traição da esposa do Goleiro, os quais poderiam respaldar essa leitura, ainda não se apresentam expressamente na narrativa a esta altura, vale focalizar primeiro (de novo, mas tendo em vista outros aspectos) a apreensão do Técnico com a situação de seu atleta, especialmente após ter ciência do que tira o sono do jogador: “– Você tá louco? Tira isso da cuca. Como é que você vai jogar amanhã com uma besteira dessas na cabeça?” (COSTA, 2006, p. 94). Diante da perspectiva de ter à disposição um jogador menos preparado física e mentalmente, que poderia muito bem pôr em risco a classificação do Brasil para a próxima fase da Copa do Mundo, o treinador, seguindo a sugestão do próprio Goleiro, decide propor acompanhá-lo até sua residência, com o propósito de eliminar, de uma vez por todas, a desconfiança do atleta quanto ao adultério ou não de sua esposa e, assim, tentar descansá-lo ao máximo para o confronto do dia seguinte:

– Pode deixar. Não tem nada a ver. Só queria ter certeza, aí sossegava.

– Pois muito bem, quer saber de uma coisa: põe a roupa!

O Goleiro olha pro Técnico, sem entender.

– Anda, veste a roupa. Vamos até a tua casa, assim você termina logo com essa cisma. Num pulo a gente volta. Mas não conta pra ninguém, porque jogador meu eu não permito que saia da concentração. Teu caso é uma exceção. Prefiro te ver tranquilo, sem esse grilo na cabeça, senão amanhã vai ser uma tragédia (COSTA, 2006, p. 94).

Chamo a atenção para a preocupação do Técnico porque ela produz, pelo menos, dois desdobramentos importantes na narrativa, os quais colaboram, em conjunto, para reforçar

¹⁴ Embora a questão racial não participe do escopo deste trabalho, é preciso dizer que nos causa estranhamento o fato de que, enquanto o Técnico e o Goleiro, assim como o Juiz e o Artilheiro Espanhol, são nomeados segundo seus papéis profissionais, o segurança da concentração brasileira, em vez de ser chamado, por exemplo, de Segurança, tem ressaltado, no nome, a cor de sua pele, aparentemente.

a condição predominantemente humana, ou desmitificada, do Goleiro. O primeiro efeito é que ela possibilita ao jogador e ao treinador observarem que a mulher daquele tem, de fato, um amante, em se considerando a cena descrita na voz do narrador e a reação de ambos os personagens diante do que viram – o técnico, um tanto embaraçado, e o jogador, entre resignado e desdenhoso:

Foram até a porta do quarto, semiaberta.

Dormiam.

Na cama, dois corpos: um homem deitado ao lado da mulher, da mulher do Goleiro.

Como entraram, saíram: na ponta dos pés, em silêncio.

Já na rua, o Técnico procurava palavras:

– É, parece que você tinha razão...

– Tudo bem, eu só queria ter certeza. Agora que sei com certeza, é só esperar esse jogo terminar e me separo. Nem volto pra casa. Estava querendo mesmo viver sozinho (COSTA, 2006, p. 95).

A cena, porém, traz dois problemas, nada ignoráveis, que até tornam relativamente precário o argumento que tentaremos desenvolver neste parágrafo: ela não dá certeza absoluta de que há traição por parte da esposa, não obstante os fortes indícios nesse sentido, como a segurança do Goleiro, sendo válido notar que o próprio Técnico, com o verbo “parece”, relativiza o que observa, nem traz ela a voz da mulher, que, apesar de flagrada em situação extremamente complicada, poderia fornecer sua versão dos fatos e nos conceder, assim, mais elementos em torno de um entendimento mais conclusivo. Mesmo assim, é necessário arriscar a leitura, ainda que sobre terreno movediço, apostando na efetiva traição da esposa do Goleiro, pelo fato de jogador e treinador a aceitarem como tal e agirem na narrativa tomando-a como pressuposto, e orientar essa leitura segundo a hipótese interpretativa proposta no artigo, a qual pretende ver no atleta um sujeito destituído do aspecto mítico do herói. Desse modo, tendo em vista que a traição acontece de fato, é possível dizer que o Goleiro, na perspectiva de sua mulher, não lhe parece indivíduo diferenciado, superior à média dos homens, nem mesmo digno da menor explicação, por mais estapafúrdia que fosse, quanto à sua situação atual, mas sujeito comum, senão inferior, em relação ao amante, que, supostamente, toma seu lugar do ponto de vista amoroso-sexual. Aliás, a referência ao amante – o segundo importante desdobramento da preocupação do Técnico na narrativa – acentua a própria constituição humana, desmitificada, do Goleiro. Se se trata, realmente, de apenas “[...] um homem [...]”, como se refere ao amante o narrador, quer dizer que o Goleiro é trocado por sua esposa não por alguém que, em tese, esteja à sua altura ou seja melhor do que ele, “[...] Goleiro de Ouro [...]” e “[...] o melhor goleiro do Brasil, um dos melhores goleiros do mundo [...]”, como o chama o locutor esportivo (COSTA, 2006, p. 97), mas por um sujeito qualquer, sem o menor traço distintivo que mereça

menção (a não ser, é claro, o fato de que é indivíduo do sexo masculino), o que expõe ainda mais o protagonista do conto à sua própria humanidade¹⁵.

Apesar de tal descoberta, o Goleiro procura mostrar-se inabalável e pronto para a partida do dia seguinte. Na verdade, antes mesmo de ter certeza de que a mulher o traía, ele já demonstrava postura parecida, na tentativa de não chamar a atenção do segurança da concentração e do treinador do time ou preocupá-los. Os trechos seguintes, falas do Goleiro dirigidas, respectivamente, a Negão e ao Técnico, sugerem sua impassibilidade diante da desconfiança do adúltero da esposa: “Pode deixar, Negão, tudo bem. Já me encosto. Tava só cismando” e “Nada, não. Perdi o sono” (COSTA, 2006, p. 93). É certo que, à medida que conversa com o Técnico, o Goleiro amolece e, com algum embaraço, acaba revelando o que o impede de dormir: “Tá bem... Acontece... que a minha mulher anda me traindo” (COSTA, 2006, p. 94). Mas, após testemunhar o fato de que desconfiava, o jogador busca retomar e demonstrar a mesma disposição anterior para o Técnico, a fim de despreocupá-lo a respeito de suas condições para a próxima partida, como lemos ao fim do trecho citado no parágrafo anterior, e é curioso notar que o treinador termina por reconhecer a calma e a altivez do atleta: “O Técnico percebeu uma leve amargura no rosto do Goleiro; percebeu também muito controle, e certa dignidade” (COSTA, 2006, p. 95). Realmente, o protagonista, a despeito do revés matrimonial, busca exibir alguma “[...] força [...] espiritual [...]” (MONIZ, 2009a, n.p.) ou mesmo “[...] valentia [...]” (MOISÉS, 2013, p. 226), atributos que, complementando suas qualidades técnicas como jogador, podem alçá-lo à condição heroica, desde que, é claro, faça a diferença a favor do time brasileiro na partida contra a Espanha, mostrando sua “[...] destreza, dinamismo e capacidade de intervenção [...]” (MONIZ, 2009a, n.p.) e, assim, atenuando, ou mesmo anulando inteiramente, qualquer efeito negativo possível de advir da traição de sua esposa. Não é outra a intenção do atleta:

– Sinto muito, amigo velho, mas acho que você não está em condições de jogar amanhã.

– Nada disso, pelo contrário. O senhor não entendeu, eu preciso jogar, preciso provar pra mim mesmo que eu supero essa situação. Se eu tivesse ficado na dúvida é que teria sido pior. Não vai ser no banco de reservas que eu vou dar a volta por cima. Eu estou bem, pode acreditar (COSTA, 2006, p. 95).

¹⁵ Uma vez que tratamos, nesta análise, do atleta numa perspectiva heroica, é possível comparar a situação do Goleiro e sua esposa com a de Odisseu e Penélope, na *Odisseia*, e a de Agamémnone e Clitemnestra, na tragédia *Agamémnone*, de Ésquilo. Enquanto Odisseu, apesar de duas décadas longe de Ítaca, é aguardado em casa por Penélope, que engana os pretendentes à sua mão com o estratagema do tear (HOMERO, *Odisseia*), Agamémnone, pouco depois de voltar de Troia, é morto por Clitemnestra, que deseja se vingar do sacrifício de Ifigênia pelo marido e assumir seu relacionamento extraconjugal com Egisto (AESCHYLUS, *Agamemnon*). Embora o Goleiro não seja assassinado pela própria mulher, a traição ocorre, e, assim, como Agamémnone, suas realizações ou potencialidades heroicas pouco significam positivamente na perspectiva de suas (ex-)companheiras.

A disposição, a coragem e a busca de redenção do Goleiro poderiam, a princípio, ser realmente interpretadas como qualidades heroicas, e o tom da fala do atleta, confiante diante do desafio imposto, com o agravante do adultério da esposa, realçaria as mesmas qualidades no dito sentido. Tais qualidades, porém, poderiam ser lidas também, e talvez mais apropriadamente, como imprudência, na acepção plenamente negativa do termo, uma vez que, considerando-se a situação pessoal do goleiro, seu desempenho esportivo dispõe de motivos suficientes para ser afetado de forma prejudicial, por mais que ele tente afastar essa hipótese. Mesmo neste caso, o Goleiro ainda poderia ser associado ao herói, pois, conforme o entendimento de Brombert (2001), o pendor para o risco é um dos traços característicos dos heróis. Estes, nas palavras do pesquisador, “[...] vivem segundo um código pessoal feroz, são obstinados diante da adversidade; seu forte não é a moderação, mas sim a ousadia e mesmo a temeridade” (BROMBERT, 2001, p. 15). Contudo, dada a derrota da Seleção Brasileira, especialmente da forma como ocorre, com o protagonismo negativo do Goleiro, que engole “[...] um frango, brasileiros, o maior frango da história do futebol brasileiro, meus amigos” (COSTA, 2006, p. 97), prevalece a leitura humanizante do personagem, que não conseguirá, ao final da narrativa, atingir a condição heroica. A linha tênue do heroísmo visado pelo goleiro no futebol, a qual se apresenta no conto de Flávio Moreira da Costa, é expressa por Wisnik no subtítulo “O goleiro”:

se for feliz, o goleiro transforma-se de tabu em totem (para usar a expressão freudo-oswaldiana) e vira lenda. Se não for, é o favorito natural para bode expiatório, porque além de ser o único que pode, sozinho, pôr a perder uma partida, está mais próximo do que ninguém, entre os jogadores, da ambígua cópula de interdição e transgressão que alimenta o jogo (WISNIK, 2008, p. 138).

Tal situação é sabida pelo próprio personagem, que faz uma verdadeira reflexão existencial sobre a condição dos goleiros, em geral, e a sua própria enquanto tal. Segundo ele, falando com o Técnico:

– [...] Agora eu sei que estou sozinho mesmo, sozinho na vida e sozinho debaixo das traves. Isso é próprio dos goleiros: quando vem a bola, ele está sempre sozinho em frente do risco. Quando a bola chega até ele é que já passou por todos os outros. É assim que o goleiro tem de aprender a se virar (COSTA, 2006, p. 96).

Nessa perspectiva, a fala do jogador confunde os aspectos nacional e individual, isto é, o destino da Seleção Brasileira na Copa do Mundo e sua necessidade particular de redenção, pondo em risco o segundo termo de cada equação. Ele parece ouvir a voz do locutor esportivo, que diz, não sem ambiguidade: “Aguenta a mão, Goleiro de Ouro, fecha bem a porta do teu gol...” (COSTA, 2006, p. 92), como se sua “meta” individual, o casamento, ou a própria castidade da esposa, da qual se tornara “responsável”, constituísse extensão da meta coletiva, o

arco brasileiro, que não poderia ser vazado, sob pena de dificultar as chances de vitória da equipe. Aqui, é válido lembrar, de novo, Wisnik (2008), para quem a posição do goleiro está bastante ligada, sob diversos ângulos, à feminilidade. Segundo o estudioso, que se sustenta nas reflexões de Vicente Verdù em *El fútbol: mitos, ritos y símbolos*:

O goleiro estaria [...] ligado ao paradigma do feminino, por seu vínculo inalienável com o espaço-tabu do gol, 'órgão feminino', pelo uso precípua das mãos e por seu confronto com o aríete do atacante, no qual se pede dele 'a inquebrantável firmeza de uma mãe virtuosa' que faça que 'seu marco permaneça virgem e que por mais tempo que o inimigo acosse seu domínio seja estéril' (WISNIK, 2008, p. 136-137).

A confusão entre as dimensões individual e coletiva é percebida pelo próprio Técnico, que tem dúvidas sobre se deve ou não mandar o Goleiro a campo no momento decisivo. Não obstante reconheça seu valor esportivo, a ponto de escolhê-lo como titular da posição numa competição tão importante, capaz que é de tornar-se um "herói" nacional por suas qualidades técnicas, ou, no dizer de Moniz (2009a, n.p.), já citado, por sua "[...] destreza, dinamismo e capacidade de intervenção [...]", ele sabe que a *performance* de seu jogador, "[...] o melhor goleiro do Brasil, um dos melhores goleiros do mundo [...]" (COSTA, 2006, p. 97), nos também já mencionados termos do locutor esportivo, pode ser prejudicada por sua situação pessoal. Assim, os traços que distinguem o Goleiro como atleta, reconhecidos por todos ou apresentados pelo jogador em sua fala e atitude diante da situação e do Técnico, em vez de tranquilizarem o comandante da equipe, acabam por preocupá-lo, antes e durante a partida contra a Espanha:

No intervalo, o Técnico ainda tentou conversar com o Goleiro (substituí-lo no meio do jogo seria pior ainda: e as repercussões?), mas o Goleiro se mostrava firme:

– Estou bem. Pode deixar, espanhol entende é de tourada. Em mim é que eles não fazem mais gol (COSTA, 2006, p. 97).

Porém, em vez de impedir o gol adversário no momento fatal, cumprindo sua missão em favor da nação brasileira e recuperando sua honra particular, ele fracassa miseravelmente. O Goleiro não apenas sofre o gol na cobrança de pênalti do Artilheiro Espanhol, mas o faz, nas palavras do locutor esportivo, aceitando "[...] o maior frango da história do futebol brasileiro [...]" (COSTA, 2006, p. 97). Dito de outro modo, ele não faz a diferença a favor da equipe brasileira nem se redime de seu drama particular, conforme esperava, mas põe em xeque a classificação de sua equipe com um vexame de dimensões histórica e internacional e colabora, talvez, para a ampliação daquele mesmo drama individual, acrescentando-lhe outro. Nesse sentido, o fracasso do Goleiro, realçado pelo "frango" sofrido, impede-o de alcançar a condição heroica que o distinguiria esportivamente em âmbito nacional. Na verdade, suas qualidades técnicas, seu reconhecimento enquanto atleta, sua disposição para se superar e sua coragem

diante de acontecimentos adversos, servem, no fim das contas, apenas para ressaltar seu caráter frágil, inferiorizado, humano, na medida em que são insuficientes para vencer ao final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Os lusíadas*, epopeia de Luís de Camões, observamos que a humanização do herói de fato ocorre na parte da narrativa que escolhemos focalizar neste trabalho, isto é, a fala do Velho do Restelo, enunciador elaborado como homem sábio e vivido, que inspira autoridade e reverência e se vê espacial e ideologicamente distante dos navegantes portugueses. Inicialmente, seu discurso se dirige à fama, à honra e à glória, que, prezadas pelos viajantes e pelo próprio rei lusitano e entendidas como qualidades merecidas de um herói, são por ele condenadas como ilusórias e causadoras de tragédias. Em seguida, os dizeres do personagem, dirigidos aos próprios aventureiros portugueses prestes a saírem de viagem rumo à Índia, reforçam o questionamento da legitimidade da busca da condição heroica por estes últimos, ao ligá-los ao Adão da queda, insensato, pecador e desobediente, e pôr em xeque suas motivações de caráter patriótico, coletivo e religioso. Adiante, a palavra do Velho do Restelo, retomando os mitos de Prometeu e Ícaro, trata a ambição dos portugueses como um elemento constitutivo da natureza humana, o que endossa a desmitificação dos sujeitos que almejam o lugar de heróis, ainda que tal palavra seja aí proferida em tom mais resignado do que propriamente rígido. Por fim, vale destacar que o personagem espera que a criação da primeira embarcação, que faculta, no contexto de produção da narrativa, a própria viagem dos portugueses à procura dos grandes feitos capazes de eternizá-los, não seja louvada por ninguém, nem mesmo, conforme depreendemos indiretamente, por um poeta épico, como o próprio Luís de Camões, que use “[...] cítara sonora ou vivo engenho” (CAMÕES, *Os lusíadas*, IV, 102), pois não vê em tal invenção, nem em seus resultados, nada de positivo. Em resumo, para o Velho do Restelo, quem se propõe a ser herói é, na verdade, apenas um humano, que não merece louvor algum, mas somente condenação, por arriscar, sem motivo razoável, em sua perspectiva, a própria vida e a de quem dele depende.

Em *A solidão do goleiro*, conto de Flávio Moreira da Costa, a humanização do herói também se verifica. A narrativa articula, nesse sentido, duas vozes principais, que salientam ora os aspectos coletivos e grandiosos do futebol no Brasil, ora os traços individuais e humanos do protagonista da trama, o Goleiro da Seleção Brasileira. Enquanto a primeira voz, respeitante ao locutor esportivo, tenta elevar, num tom ufanista, o personagem aos olhos/ouvidos do espectador/ouvinte na fala que abre o conto, chamando a atenção para suas qualidades como atleta, a segunda voz, concernente ao narrador, traz, sem demonstrar qualquer entusiasmo, os antecedentes da partida relacionados ao protagonista, que, na véspera do jogo, descobre que sua esposa o traía. Apesar da descoberta, cujo conteúdo já ameaça seu caráter heroico – em comparação com o Odisseu homérico, por exemplo –, o Goleiro não se dá por vencido e, na

ânsia de se redimir, exhibe qualidades geralmente consideradas elevadas, como a disposição, a coragem e a busca pela redenção pessoal. Contudo, tais características acabam adquirindo significado mais baixo, ligado à imprudência, uma vez que o protagonista não reunia, como já duvidava o Técnico, condições de participar do jogo. Em outras palavras, em vez de fazer uma excelente partida e se redimir, como quer em termos particulares e como pode em termos técnicos, o Goleiro arrisca a classificação da Seleção Brasileira na competição, estendendo seu problema individual a uma dimensão nacional, e, pior, fá-lo de maneira vexatória, tomando um “frango”. Assim, suas potencialidades e esperanças não se concretizam positivamente, mas se manifestam como traços menores, desmitificados, humanos, ao abarcarem os sentidos negativos de excesso de confiança e fragilidade mental, e, como tais, impedem-no de ascender à condição heroica, o que é reconhecido, ao final, pelo próprio locutor esportivo.

Embora o herói português de *Os lusíadas* e o herói brasileiro de *A solidão do goleiro* sejam efetivamente humanizados, ou desmitificados, nas narrativas, flertando, assim, com a noção de anti-heroísmo proposta por Moisés (2013), tais personagens guardam entre si diferenças relevantes, que incidem significativamente em sua caracterização específica como heróis. Na epopeia de Luís de Camões, o conquistador lusitano, conquanto questionado pelo Velho do Restelo, não deixa, no fim das contas, de se constituir como herói épico, pois seu percurso, terminado o poema, é concluído com sucesso, assegurando-lhe o elemento mítico que tanto busca. Diferentemente, no conto de Flávio Moreira da Costa, o jogador brasileiro, não obstante suas capacidades excepcionais, é trágico, pois seu caminho é marcado pela decadência, pela derrota e mesmo pelo vexame, o que lhe confere caráter predominantemente humano. Em outros termos, poderíamos falar que o herói português faz, no pior dos casos, um movimento em V, cujas extremidades consistem, nesta ordem, na exaltação inicial de seu valor, na crítica a ele dirigida pelo Velho do Restelo e no louvor definitivo dado em função do êxito, enquanto o herói brasileiro faz um movimento em I, que começa, no alto, com a prestigiosa posição de goleiro da Seleção Brasileira numa Copa do Mundo, acha, no meio, obstáculo num delicado problema pessoal e termina, na base, em retumbante derrocada para ele, que falha, e para a nação, que ele representa. Dito sumariamente, e em consonância com a ideia de raiz aristotélica de que os personagens literários têm de ser observados no conjunto da obra a que pertencem, o que distingue as figuras de Luís de Camões e Flávio Moreira da Costa enquanto heróis são os opostos resultados a que os leva a imprudência que lhes é própria: ao épico pertence a vitória, e ao trágico cabe a derrota.

Mecanismos literários mais específicos encontrados nas narrativas parecem reforçar as respectivas caracterizações dos personagens enquanto heróis e, por conseguinte, suas relações particulares com o humano e com o mítico. No épico de Luís de Camões, mesmo a voz do Velho do Restelo é modulada em estilo grandiloquente, típico da epopeia, com versos montados da mesma forma que a fala de reis e heróis, de acordo, ao que tudo indica, com a própria uniformidade métrica pretendida pelo poeta e, talvez, exigida pelo próprio gênero,

que buscaria uma perspectiva integrada e absoluta do Universo (MOISÉS, 2013, p. 156-157), e pode-se até interpretar a resignação do personagem crítico como resistência inócua, que se sabe incapaz de reagir mais frontalmente à enorme ambição portuguesa, dado que o canto V de *Os lusíadas*, imediatamente posterior à sua fala, inicia-se com a voz de Vasco Gama, que não parece ter considerado em nada seu parecer: “Estas sentenças tais o velho honrado / Vociferando estava, quando abrimos / As asas ao sereno e sossegado / Vento, e do porto amado nos partimos. / E, como é já no mar costume usado, / A vela desfraldando, o céu ferimos, / Dizendo: ‘Boa viagem!’ [...]” (CAMÕES, *Os lusíadas*, V, I). No conto de Flávio Moreira da Costa, há, textualmente falando, o uso de elementos comuns ao teatro, como a expressa delimitação de cenas, com os termos “CONCENTRAÇÃO” (COSTA, 2006, p. 93) e “O JOGO DECISIVO” (COSTA, 2006, p. 96) em letras maiúsculas, e o predomínio de vozes que falam em discurso direto, sem contar a fala do Técnico, que antecipa ambigualmente o fim da narrativa: “Prefiro te ver tranquilo, sem esse grilo na cabeça, senão amanhã vai ser uma *tragédia*” (COSTA, 2006, p. 94, grifo nosso); a já citada proximidade do Goleiro com o Agamémnone esquiliano, e não com o Odisseu homérico, em termos de casamento e de destino individual; a caracterização da moradia do personagem, a qual, instalada num prédio “[...] não muito alto, meio velho” (COSTA, 2006, p. 95), denuncia algo de medíocre e decadente, apesar de ele não pertencer, aparentemente, à elite social do país; e o fato de que a narrativa sucede no intervalo de um único dia, como é de praxe no gênero trágico (ARISTÓTELES, *Poética*, 1.449b, 10). Para endossar esse ponto de vista, sem ignorar o risco do esquematismo, cabe lembrar ainda que o herói português está no ataque, na posição de conquistador de terras, assumindo lugar ativo, e se vale da violência literal para alcançar seus propósitos, traços que salientam sua relação com o código heroico canônico, delineado por Brombert (2001, p. 15-16), ao passo que o herói brasileiro está na defesa, no precário lugar de quem se vê surpreendido e obrigado a impedir o triunfo do artilheiro e do “touro”, no momento mais crítico do jogo e do próprio casamento, e participa, como futebolista, daquilo que Wisnik (2008, p. 91-92) chama de violência sublimada e, como goleiro, de uma posição geralmente tida por “feminina”, elementos que, em sendo, em tese, menos masculinos e viris, tornam ainda mais difícil, embora nada impossível em outras circunstâncias, sua constituição, própria ou figurada, como herói épico.

REFERÊNCIAS

AESCHYLUS. **Agamemnon**. [S. l.]: Project Gutenberg, 2004. Disponível em: <http://gutenberg.org/ebooks/14417>. Acesso em: 6 mar. 2021.

ANTI-HERÓI. In: MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 28-29.

ANTIHERO. *In*: MURFIN, R.; RAY, S. M. **The Bedford Glossary of Critical and Literary Terms**. 3rd ed. Boston; New York: Bedford/St. Martin's, 2009. p. 21-22.

ARISTÓTELES. **Poética**. 2. ed. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas: Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

BROMBERT, V. Modos nada heroicos. *In*: BROMBERT, V. **Em louvor de anti-heróis**: figuras e temas da moderna literatura europeia, 1830-1980. Tradução: José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 13-24.

CAMÕES, L. **Os lusíadas**. São Paulo: Abril, 2010. (Clássicos Abril coleções, 19).

COSTA, F. M. A solidão do goleiro. *In*: COSTA, F. M. (Org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 92-97.

D'ONOFRIO, S. O Velho do Restelo e a consciência crítica de Camões. **Revista de História**, São Paulo, v. 40, n. 81, p. 75-89, 1970. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1970.128942>. Acesso em: 8 mar. 2021.

ÉPICA. *In*: MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 153-158.

GARCEZ, M. H. N. Motivos das navegações na poesia portuguesa do século XX: o Velho do Restelo. **Estudos Portugueses e Africanos**, Campinas, v. 20, p. 5-13, jul./dez. 1992. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/epa/article/view/%205506/6050>. Acesso em: 8 mar. 2021.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. Tradução: Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HERO/HEROINE. *In*: MURFIN, R.; RAY, S. M. **The Bedford Glossary of Critical and Literary Terms**. 3rd ed. Boston; New York: Bedford/St. Martin's, 2009. p. 223.

HERÓI/HEROÍNA. *In*: MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 225-226.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e introdução: Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio: Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

KOTHE, F. R. **O herói**. São Paulo: Ática, 1985. (Série princípios, 24).

MONIZ, A. Anti-herói. *In*: CEIA, C. (Coord.). **E-dicionário de termos literários**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Centre for English,

Translation, and Anglo-Portuguese Studies; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009a. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/anti-heroi/>. Acesso em: 7 mar. 2021.

MONIZ, A. Herói. In: CEIA, C. (Coord.). **E-dicionário de termos literários**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009b. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/heroi/>. Acesso em: 7 mar. 2021.

SAGE, L. Hero. In: CHILDS, P.; FOWLER, R. (Ed.). **The Routledge Dictionary of Literary Terms**. 3rd ed. New York: Routledge, 2006. p. 105-107.

SILVA, A. V. A semiotização épica do discurso. In: SILVA, A. V.; RAMALHO, C. B. **História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 17-173.

VÃO. In: FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 2.046.

VASSALLO, L. A canção de gesta e o épico medieval. In: APPEL, M. B.; GOETTEMMS, M. B. (Org.). **As formas do épico: da epopeia sânscrita à telenovela**. Editora Movimento; Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos; Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1992. (Coleção ensaios, 21). p. 83-99.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido para publicação em: 26 mar. 2021.

Aceito para publicação em: 19 jul. 2021.